

A DEFESA

Órgão Informativo da Diocese de Propriá
Registrado no livro 7, folhas 121, nº 255, a 08/10/1941
Cartório do 10º Ofício de Registro de Títulos e Documentos, em Aracaju — Se
Diretor Responsável: D. José Brandão da Castro
Redação: Av. Pedro Abreu de Lima 482 — Propriá-Se.
Tiragem: 1.000 exemplares — Distribuição gratuita entre os colaboradores

3a. FASE - Nº 617 - PROPRIÁ - SE - 27/02/1977

DOM LARA É ORDENADO Bispo



Dom Leis Lara, o novo bispo.

beram a missão de anunciar o evangelho e zelar pela santificação e crescimento da comunidade dos fiéis na verdadeira fé. Ser bispo é um serviço e não honra”.

“Se todo cristão é chamado a ser como Cristo, que veio para servir e não para ser servido, como mais razão, o bispo é colocado numa posição especial de serviço, devendo dedicar-se totalmente aos irmãos. Dando por eles, se preciso, a própria vida, como prova máxima de amor”.

“Somos chamados a servir naquilo que for mais necessário e urgente e mais requerer o nosso serviço”.

ORDENAÇÃO EPISCOPAL

Dom Lara foi ordenado Bispo por Dom Mário Gurgel, Bispo de Itabira, Dom José Gonçalves da Costa, Bispo de Niterói e Dom José Brandão de Castro. Compareceram à solenidade 18 Bispos, 110 Sacerdotes, mais de 40 religiosas e 8.000 fiéis.

Primeiro Comer. Seca, produção agrícola insuficiente e subemprego no Nordeste do Brasil têm provocado frequentes migrações de populações para o litoral e para os centros urbanos. Famílias inteiras deixam seu meio de origem para procurar emprego em outros lugares, geralmente em cidades, onde se instalam na maior precariedade.



cei

FÉ EM CRISTO NÃO SE REDUZ AO ARCAÍSMO DAS FÓRMULAS

A figura de Jesus vem carregada e cercada de tantos títulos e declarações dogmáticas que para o homem comum ela se tornou quase inacessível. Sua atração e numinosidade, seu vigor nascivo e o desafio que Cristo significa já vêm enquadrados dentro de um tipo de compreensão que tende, quando não compreendido o sentido das fórmulas, a empanar sua originalidade, a esconder sua face humana e a relegá-lo de dentro da história para hipostasiá-lo como um semideus, fora de nosso mundo. A fé deve libertar a figura de Jesus das pelias que o prendem e o diminuem. Por isso não significa ainda ter fé proclamar Jesus como Messias, Senhor, Filho de Davi, Filho de Deus, etc., sem a preocupação de saber o que esses nomes querem dizer para nossa vida. Para quem não é judeu, como nós, que significa na realidade Messias, filho de Davi, leão da tribo de Judá? Fé em Cristo não se reduz ao arcaísmo das fórmulas, embora veneráveis, nem ao arqueologismo bíblico. Crer em Jesus como ato existencial e modo de viver é confrontar a totalidade de minha vida pessoal, social, eclesial, cultural e global com a realidade de Jesus. A fé se realiza no encontro entre a vida e seus problemas que se deixam interrogar e questionar por Cristo e sua mensagem. Por outro lado nós interrogamos a Cristo, vamos a ele com nossas preocupações e buscamos nele uma resposta para a condição humana. E nesse diálogo que se alimenta a fé e Cristo é

inserido dentro do contexto geral da existência. Ter fé significa possuir a capacidade de ouvir sua voz que fala dentro de nossa situação. Todo encontro verdadeiro com Cristo leva a uma crise que age como um crisol purificador e acrisolador (crisol e acrisolar se originam da palavra crise que em sânscrito significa purificar e em grego levar a uma decisão): porque nele encontramos um tipo de profundidade humana que nos questiona; em sua vida, palavras e atos tornam-se palpáveis estruturas originárias do ser humano em sua relação para com o Absoluto que fazem despertar a memória daquilo que cada ser humano deveria ser diante dos outros, do mundo e de Deus. Essa norma que emerge do contato com Cristo adquire uma dupla função: primeiro a função crítico-julgadora de nossa situação que não se harmoniza com a medida que Cristo viveu e por isso nos julga e nos faz sentir a distância e a imensidade do caminho ainda a ser percorrido; em seguida a função crítico-acrisoladora e salvadora: o ponto de referência absoluto que descobrimos em Cristo nos confere um impulso novo, nos possibilita a chance de uma conversão e nos dá a segurança de que com Ele podemos atingir a meta. Nesse sentido Cristo e a permanente crise da existência humana. Mas crise que vale como um crisol que purifica, que acrisola e que salva.

Texto de Leonardo Boff

FOLHA DO COMÉRCIO 02/02 a 06/02/77

NA REGIAO DO AÇO

UM POUCO DE BIOGRAFIA

Dom Leis Lara nasceu na cidade mineira de Divinópolis, a 19 de dezembro de 1925, filho do casal Joaquim Martins Lara (atualmente com 95 anos de idade) e Maria José Lara (in memoriam). Foi para o seminário, em Congonhas, a 2 de março de 1938. Em 1945, transferiu-se para o noviciado redentorista de Juiz de Fora, ordenando-se sacerdote em 2 de fevereiro de 1951, ficando dois anos naquela cidade lecionando como estagiário no Seminário Maior. Em seguida viajou para Roma, estudando, de 1954 a 1958, Direito Canônico na Universidade Gregoriana. Regressando ao Brasil, depois de percorrer vários países da Europa, passou um ano em Missões e no período de 1961 a 1970 foi diretor espiritual e reitor do Seminário Maior de Juiz de Fora, além de professor de Direito Canônico, Liturgia e Espiritualidade.

Pe. Lara assumiu a paróquia de Coronel Fabriciano no dia 14 de janeiro de 1971 e a 19 de março de 1974 — três anos depois — foi nomeado vigário episcopal do vicariato III, integrando a equipe de coordenação pastoral diocesana.

Dizendo que “aqui vai a nossa primeira mensagem”, Dom Leis Lara iniciou sua entrevista a FOLHA DO COMÉRCIO: “meus irmãos, quando chegou a esta comunidade a notícia de minha nomeação para o episcopado, houve uma explosão geral de alegria, tocando-me profundamente a efusiva manifestação de júbilo com que me receberam ao retornar da reunião capitular de nossa congregação redentorista”. E continua:

“Essa alegria é fruto do Espírito Santo”.

“Pela fé — continua Dom Leis Lara — o povo de Deus vê na pessoa do bispo alguém que integra o grupo de sucessores dos apóstolos: aqueles que rece-

DIREITOS HUMANOS E EVANGELIZAÇÃO

A proclamação dos direitos humanos não é uma função auxiliar ao lado da evangelização, nem um novo capítulo da ética cristã. Pelo contrário, essa proclamação é propriamente a substância do evangelho de Jesus Cristo anunciado a nossos contemporâneos, é o próprio anúncio do Reino de Deus. Os direitos da pessoa humana não somente estão no núcleo senão que se localizam atualmente no centro desse núcleo.

A ideologia da segurança nacional e o sistema que a põe em prática não excluem a religião. Pelo contrário, eles se apresentam como os defensores da civilização cristã contra o comunismo e o ateísmo e os promotores de uma nova sociedade construída a partir dos princípios cristãos que são os constitutivos da tradição nacional.

Mas o cristianismo que o sistema de segurança nacional quer promover é essencialmente uma cultura: consta de tradições, ritos, costumes, símbolos, palavras, temas e linguagem, gestos sociais como a esmola, a assistência social, etc. Entretanto, todos esses elementos deixados a si mesmos e separados de um movimento interior e subjetivo da liberdade, são elementos mortos: são a superfície da Igreja: sem alma é uma máscara sem vida. A Igreja é também um conjunto de gestos e sinais religiosos, porém somente na medida em que esses sinais se vinculam com uma vida e a expressam. Por detrás da superfície deve existir um núcleo que lhe dá a vida, o sabor, o significado e a força transformadora do homem. Os sistemas vigentes querem manter e promover a cultura cristã como uma máscara morta. Interessa a eles essa máscara porque se apresenta como um conjunto de símbolos capazes de mobilizar a nação.

A Igreja, entretanto, interessa em primeiro lugar o núcleo que dá vida à superfície. A evangelização não consiste em aplicar aos ho-

mens uma máscara nova dando-lhe um conjunto de sinais e símbolos novos ou enquadrando-os em um sistema de gestos religiosos. Não lhe interessa que digam palavras exatas sobre Deus, Jesus Cristo, ou a Igreja, que façam exatamente os gestos requeridos para os sacramentos. A Igreja interessa que por detrás de tudo isso haja uma vida e a ela interessa que tudo isso se integre no movimento da liberdade humana. Por isso podemos dizer que o centro da evangelização é a liberdade. Não no sentido de que a Igreja tenha uma doutrina sobre a liberdade e queira explicar essa doutrina sobre a liberdade. A evangelização não fala da liberdade, fala à liberdade: ela é um chamado que desperta a liberdade, faz que o homem realize em si mesmo uma transformação radical que o faça passar de ser não livre à condição de pessoa livre. Sem esse despertar da liberdade toda a prática da Igreja é pura manipulação da superfície humana e não leva a salvação real de homens reais.

O núcleo do evangelho é a vivência em Deus, porém, o centro desta vivência é a liberdade. Evangelizar é criar liberdade no interlocutor da palavra de Jesus Cristo. Essa liberdade é o homem novo, fruto da morte e ressurreição de Cristo e nova criatura no Espírito.

Por isso a proclamação dos direitos humanos não deve ser entendida como um chamado às autoridades para que modifiquem as leis. Pode ser isso uma forma muito secundária, mas não tenhamos nenhuma ilusão: a defesa dos direitos humanos pela Igreja não tem força para obrigar as autoridades a mudar seu modo de atuar. A proclamação dos direitos humanos é uma mensagem aos povos e a todos os homens. Essa mensagem os chama a uma vida nova na liberdade que permite assumir sua missão e formar, com outras liberdades, uma sociedade humana.

O SAO PAULO São Paulo, 5 a 11 de fevereiro de 1977

RAZÕES E INTERESSÉS POLITICOS DO CONTROLE DE NATALIDADE

O Centro de Documentação MIEC-JECI (Movimento Internacional de Estudantes Católicos — Juventude Estudantil Católica Internacional), Secretariado latino-americano, com sede em Lima, continuou, no seu boletim n.º 10, a publicar seu trabalho "Investigação sobre o controle de natalidade".

Destacamos do cap. IV, que trata de "razões e interesses da política em favor do controle de natalidade", os seguintes trechos:

1) "Em primeiro lugar, os organismos propulsores do controle da natalidade estão interessados em mostrar o crescimento demográfico como o problema fundamental que impede o desenvolvimento; desta maneira, buscam obviar, relativizar ou esconder as verdadeiras causas de nossa situação de pobreza, que residem na dependência e no injusto sistema imperante em nossos países". /.../

2) "Em segundo lugar, os centros de poder capitalista, desenvolvidos, não podem tolerar passivamente o crescimento da população nos países subdesenvolvidos, pois a persistência deste crescimento acentua a pressão social dentro de cada país, com grave perigo para a estabilidade política e social do sistema estabelecido". /.../

3) "Ademais, nas políticas de controle de natalidade, podemos distinguir outros interesses de tipo racial e geo-político: esses interesses consistem em evitar que, com o aumento da população nos países subdesenvolvidos, varie a distribuição proporcional da população mundial em favor dos povos do Terceiro Mundo, constituindo uma ameaça latente contra a situação privilegiada e hegemônica dos países-chaves do capitalismo desenvolvido, e do predomínio da "raça branca" em geral". /.../

Vulto do Passado

É o Dr. Manuel Simões nosso homenageado especial nesta coluna comemorativa de homens ilustres do passado sergipano.

Nasceu ele na cidade de Capela aos 8 de maio de 1827, sendo-lhe pais o Sr João de Melo Resende e Dona Maria de Jesus Resende. Ao tornar-se adolescente rumou para a capital do Estado, onde fez o curso primário e posteriormente para Salvador, onde realizou os cursos secundário e superior. Doutorou-se em Ciências Médicas pela Faculdade da Bahia. Voltando depois a Sergipe, exerceu os cargos de 4º Vice-Presidente da Província e de Deputado à Assembléia Constituinte, cargos que desempenhou com critério e dignidade, segundo nos relatam crônicas daquela época. Ingressando nas hostes do Partido Conservador que tanta influência teve na vida sergipana. Foi ele um de seus mais destacados membros, ao lado de outros com panheiros de ideal.

Dedicou-se depois Dr. Simões à vida do campo, dirigindo por muitos anos a fazenda "Dira", uma das mais importantes do município de Itaporanga. Na referida propriedade, ao lado da igreja, construída pelos Jesuítas, nos idos de 1703, existia um colégio destinado à juventude do vale do Vasa-Barris. Era seu diretor o Cônego Luiz Agostinho Perusi, sacerdote ilustrado de nacionalidade italiana. Era também ele capelão da tradicional e evocadora igreja do "Dira".

Em julho de 1905, em idade provecta, falecia inopinadamente Dr. Manuel Simões, quando à noite se achava recolhido ao leito na Casa Grande. Seu corpo foi inumado na capela da fazenda, em meio aos sentimentos de pesar de parentes, amigos e serviçais, todos unânimes

em reconhecer os atributos de espírito e coração dos quais era portador.

Procuramos enfocar em sucintas e modestas palavras a figura de um cidadão de bem, cujo nome merece mais conhecido dos sergipanos de boa vontade, através das colunas de "A DEFESA". É uma singela homenagem que prestamos à sua impercível memória.

ANTONIO CONDE DIAS

CASA SOUZA

PIONEIRA DO COMÉRCIO NEOPOLITANO
Venda em grosso e a varejo, a vista e a longo prazo.

Tudo para V. Sa. e seu lar — Aparelhos domésticos, louças, vidros, rádio, máquinas de costura "VIGORELLI" e "LEONAR"; estoques de calçados, tecidos e artigos de saraminho, perfumes, doces, conservas, bebidas, biscoitos, produtos, farmacêuticos e muitas outras originalidades sendo ainda

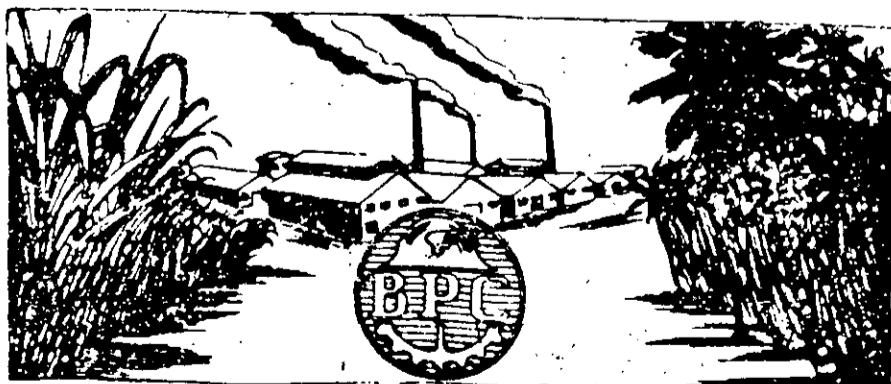
CONCESSIONÁRIA DA SERGIPE GAS.
Preços, visando o lucro honesto

Sua casa e sua bolsa d'ban. NÃO PENSE, PEÇA!
Não pense, sem parar,
não para, sem entrar,
não entre, sem comprar,
não sempre, sem pagar!

PRACA GENERAL VALADÃO, 205
— Fone 401.
End. Tel. JOBEZA
49980 NEOPOLIS — SERGIPE

LEIA E ASSINE "A DEFESA"

BANCO DA PRODUÇÃO E COMÉRCIO S.A.



Um Banco Sergipano às suas ordens

RUA JOÃO PESSOA, 274
Telegramas: CREDITO
ARACAJU — SERGIPE
AGÊNCIAS
URUBARA "CASA GRANDE"
RUA ETA. ROSA, 63
ARACAJU

ITABAINHA — SERGIPE
LADO BARRIO ANTONIO, 8
PROFESSOR — SERGIPE

ESTANÇIA — SERGIPE
Praça 24 de Outubro, s/n

AV. AUGUSTO MAYNARD, 104
GRANDE BARRIO — SERGIPE
AV. CORONEL LOIOLA, 87

Posto São José

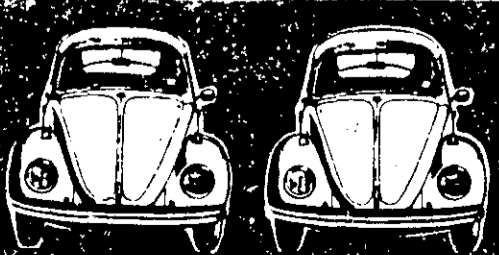
A CONVERGÊNCIA DO BOM GOSTO

Gasolina — Óleo Diesel — Lubrificantes
Peças — Acessórios — Lavagens em geral

Serviços de Cortesia:

Troca de pneus — Calibragem de pneus
Estacionamento coberto

No Centro Comercial de Propriá — BR



Bispo considera a reforma agrária exigência cristã

Jornal do Brasil, 11/2/77



D. José Brandão de Castro, bispo de Propriá, no Sergipe.

São Paulo — "Uma das exigências cristãs mais importantes em relação à ordem socio-política é a realização de uma reforma agrária justa, pois do contrário o Brasil ficará com um número cada vez maior de marginalizados", advertiu ontem o Bispo de Propriá (SE), Dom José Brandão de Castro, que participa da XV Assembleia-Geral da CNBB em Itaipá, Campinas.

Esperando que essa sugestão seja aprovada pela Assembleia, Dom Brandão observa que "a marginalização tende a crescer na medida em que as grandes decisões são tomadas tendo-se em conta interesses de grupos ou de classes e não os do povo humilde e desprotegido". Como exemplo dessas decisões que favorecem grupos, em pré-juízo do povo, citou a atuação da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), conhecida e amparada pelo INCRA.

Oportunidade perdida

Segundo o Bispo de Propriá — membro da Comissão da Terra da CNBB pela Bahia e Sergipe — "a bandeira da reforma agrária tem de ser levantada novamente, para que não aumente, ainda mais, o número de marginalizados nas cidades. Não basta dar as terras às grandes empresas, pois se o homem simples não tem terra, a ordem sócio-política não é cristã. O povo de Sergipe quer a reforma agrária e acredito que os dos outros Estados também".

Dom Brandão considera que se perdeu uma oportunidade de fazer a reforma agrária no país com a política nacional do álcool à base de mandioca. "Ao invés de se fazer essa reforma, as grandes empresas foram açambarcando as terras e plantando mandioca com alta tecnologia. Enquanto isso, o povo do campo apronta sua mochila e vai embora, sendo marginalizado na cidade como mão-de-obra desclassificada. E isso não é verdade: o trabalhador rural é mão-de-obra qualificada para o campo".

Dizendo que sua proposta "é um sonho que, espero, não se transforme em pesadelo", Dom Brandão citou entre as decisões tomadas em favor de grupos, pela Codevasf, o plantio de um grande campo de arroz, "num projeto que, segundo dizem, foi feito fora do Brasil e está sendo executado a toque de caixa".

Um dos latifundiários, por exemplo, a Fazenda Betume — prosseguiu o Bispo de Propriá — foi desapropriada por Cr\$ 20 milhões. Mas nessa área trabalhavam 430 famílias, que começaram a ser indenizadas de maneira precária, sem serem consultadas. Um coqueiro com frutos, que vale Cr\$ 200 a Cr\$ 300, foi taxado a Cr\$ 80 pela Codevasf; as bananeiras, a Cr\$ 10 o pé. As primeiras famílias aceitaram de cabeça baixa, porque o povo tem medo quando se trata de Governo. Aos poucos o pessoal começou a se encorajar, a reivindicar um pagamento mais justo, e aí nós entramos para ampará-los. Hoje, há mais de 600 processos pendentes.

Sem informação

Dom Brandão de Castro destacou ainda que, antes de sair de Sergipe para a assembleia, um grupo estava percorrendo a área da Diocese, dizendo de casa em casa que pagaria Cr\$ 300 por tarefa (um terço de hectare), quando seu valor

real é de Cr\$ 2 mil. E que se decidiu fazer, no cerrado de Sergipe, plantação de cana. Mais uma vez, um grupo sabe dos planos e o povo não.

Voltando às denúncias sobre a atuação da Codevasf, o Bispo lembrou que foi formada uma cooperativa, em sua Diocese, de agricultores sem terra. "Amedrontados, os donos de terra, com apoio do INCRA, formaram uma outra cooperativa em cujo estatuto foi incluído um item que proibia a fundação de qualquer outra cooperativa na área. Por um mecanismo que não posso entender, a Codevasf entrou como sócia dessa cooperativa, com os direitos de uma pessoa física, embora seja pessoa jurídica. E mais: impôs um presidente para a entidade. E os colonos que trabalham para ela serão sócios da mesma cooperativa. É uma coisa que não posso entender".

O Bispo denunciou ainda que a cooperativa dos donos de terra, onde um dos sócios é a Codevasf, "está tentando encampar a outra cooperativa que obtive financiamento de Cr\$ 1 milhão 300 mil para comprar terras. Já foram pagos Cr\$ 800 mil desse empréstimo, e a proposta apresentada foi a de assumir o restante da dívida e as terras já compradas. Diante do argumento de que o assunto somente seria decidido em assembleia-geral — onde a proposta foi rejeitada — a resposta foi que a cooperativa seria encampada, quer os agricultores quisessem ou não".

Segundo Dom José Brandão, até o momento em que saiu de Sergipe o assunto ainda estava pendente. "Mas me parece que a cooperativa dos donos de terra está amparada pelo INCRA, que sabe de todos esses problemas".

Opção pastoral

Durante a reflexão sobre o tema Exigências Cristãs de uma Ordem Política — disse Dom José Brandão — "ficou ainda mais claro que a opção pastoral do Bispo, hoje, tem de ser pelos marginalizados, onde quer que se encontrem, seguindo aliás o exemplo do próprio Cristo. A marginalização é um fenômeno que revela, em si mesmo, que o bem comum está longe ainda de ser conseguido".

"É importante" — continuou — "dar atendimento a todas as pessoas e não apenas a determinados grupos, pois todos juntos é que formam a Nação. É importante uma tomada de posição para se entender o que é o bem comum. Muitas

vezes, se toma como bem comum o que seria o bem apenas de determinados grupos ou facções.

O Bispo de Propriá destacou ainda que as exigências cristãs de uma ordem política implicam, também, em que os direitos tradicionais da democracia sejam usufruídos pelo povo, que o povo tenha participação nas decisões, nas eleições, que tenha liberdade de expressão, o que não ocorre uma vez que existe ainda a censura.

Nota: Na 2a. coluna corrija-se: as bananeiras, a Cr\$10 a touceira.

Leonardo Boff

TEOLOGIA DO CATIVEIRO E DA LIBERTAÇÃO



Igreja defende reforma agrária

Diário do Povo — Campinas — Sexta-feira, 11 de fevereiro de 1977

O bispo da cidade de Propriá, Estado do Sergipe, Dom José Brandão de Castro, um dos três encarregados de dar entrevistas ontem em Itaipá, defendeu a necessidade da implantação da reforma agrária no País, dizendo "ser este o único caminho para pôr fim ao índice cada vez mais elevado de marginalizados na sociedade".

"Os marginalizados são cada vez em maior número em nosso país. Eles também são pessoas, têm os seus direitos e, por isso, a Igreja se preocupa com eles, como se preocupa com todos os filhos de Deus. Observamos uma situação cada vez mais dramática nas grandes cidades, com a presença de gigantesco contingente de pessoas vivendo em condições sub-humanas. A única forma de evitar que estas pessoas continuem buscando os grandes centros é através da reforma agrária".

"Através da reforma agrária, as terras não ficariam somente nas mãos dos privilegiados. Também os mais pobres teriam condições de plantar e colher em terra sua. E o fato de o homem do campo passar a possuir uma área de terra sua o motivaria a permanecer no campo, trabalhando a terra, sem fugir para as cidades, totalmente despreparado para um novo tipo de vida".

Dom José Brandão, ao fazer a defesa da reforma agrária, defendia a região nordeste, pois é bispo no Estado de Sergipe.

E quanto às dificuldades da implantação de uma verdadeira reforma agrária no Brasil, ele comentou, meio irônico e meio sério.

"Eu sei. Sei que a reforma agrária é um sonho. Só espero que não seja um pesadelo. De fato, o assunto se tornou tão sério no Brasil que qualquer comentário hoje é muito mal interpretado".

A pergunta de um jornalista sobre se a Igreja sabe a posição do Governo quanto à reforma agrária, ele respondeu.

"Não sei se a Igreja inteira sabe o que pensa o Governo. Acho até que não. Acontece que eu sei o que ele pensa".

El voltando ao tom mais sério: "Embora seja difícil, a reforma agrária é a solução. É mais dia menos dia ela precisa acontecer. É, de fato, a única forma de se estabelecer uma certa igualdade de direitos, de oportunidades. E todos somos filhos de Deus. Todos temos os nossos direitos. Todos somos pessoas humanas".

A Igreja evidentemente não vai ditar como deve ser o Estado mas é sua missão principal estar ao lado dos mais fracos, dos que sofrem, dos que são injustiçados, dos que não são respeitados em seus direitos".

Dom José Brandão lembrou que, em sua área, existe muito a preocupação com o crescimento. Esta preocupação se tornou de tal forma dominante que hoje a atenção maior se volta sempre para coisas e não para pessoas. Embora seja esta a situação de sua área, D. José observou que o mesmo espírito é observado nacionalmente hoje.

MARGINALIZADOS

O boletim de número três, distribuído ontem à imprensa, revela algumas conclusões a que chegaram os bispos em Itaipá, depois de um período de reflexão realizado na parte da manhã.



Igreja reunida em Itaipá para traçar normas

"Ficou claro que nossa opção pastoral hoje tem de ser pelos marginalizados, sempre. Onde quer que nos encontremos, seguindo, aliás, o exemplo do próprio Cristo. A marginalização é um fenômeno que revela, por si mesmo, que o bem comum está longe ainda de ser conseguido. E o pior é que ela tende a crescer cada vez mais, na medida em que grandes decisões são tomadas tendo-se em conta interesses de grupos ou de classes e não os do povo humilde e desprotegido".

No mesmo boletim, ilustrando o problema da marginalização, aparecem algumas considerações sobre a Codevasf (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco), que atua no Sergipe.

"Executa-se ao norte de Sergipe, às margens do São Francisco, um plano gigantesco de irrigação, empregando-se as mais modernas tecnologias, mas não se leva na devida conta o agricultor da região, o barranqueiro do São Francisco. Para a implantação dos projetos de irrigação, descola-se uma multidão de pessoas que ficam entregues ao seu próprio destino, aumentando o número dos marginalizados.

A pessoa acostumada desde a infância ao amanho da terra, pouco lhe interessa ou adianta uma determinada importância em dinheiro. Melhor seria se lhe fosse dado, não muito longe do local que ocupava, uma faixa de terra, uma casa simples, porém digna e

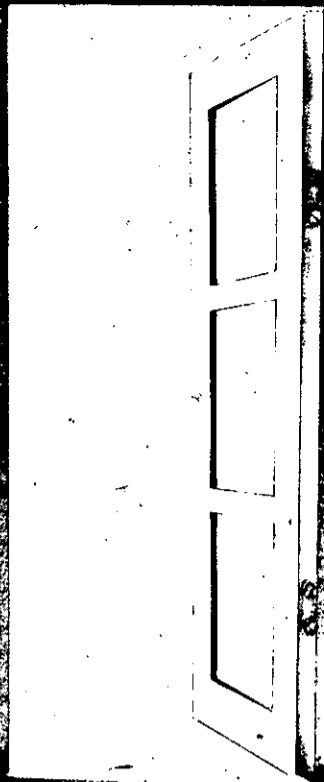
as condições para continuar a tirar da terra o sustento de suas famílias".

Além de Dom José Brandão de Castro, participaram da entrevista coletiva, dom João de Souza Lima, Arcebispo de Manaus, encarregado do tema "regiões missionárias no Brasil" e dom Frederico Helmel, bispo de Guaruapuava, Estado do Paraná, encarregado de prestar informações sobre o CIMI — Conselho Indigenista Missionário.

O boletim relata ainda o dia de ontem dos bispos em Itaipá.

"Foi um dia especialmente dedicado à espiritualidade. A orientação foi do Jesuíta padre Nelson Carloni. Foi um dia de recolhimento interior em que cada qual procurou sondar com sinceridade se a escolha de seu tipo de ação, na área de sua diocese, estaria correspondendo ou não ao que é proposto como ideal na Igreja do Vaticano II.

Entre outras coisas, se eles se têm batido evangelicamente pelo bem comum que vem a ser aquele conjunto de condições de vida que permitam aos homens, às famílias e às instituições conseguirem a própria perfeição. Trata-se evidentemente de um conjunto de condições concretas que permitam a todos atingir um nível de vida compatível com a dignidade da pessoa humana. Daí se deduz o imperativo de se opor a qualquer discriminação cultural, social, religiosa, racial, econômica ou política".



COMECE EM SUA CASA. Começar é isso mesmo: começar, mas não parar em casa. É preciso continuar a caminhar juntos com toda a Igreja, com o mundo inteiro. Também em 1977 o cristão, a família "é por sua natureza missionária". A abertura universal impedirá que a "igreja doméstica", que é a família, se torne em "gueto" fechado. Veja a porta do cartaz: a porta da casa se abre para fora, para que a luz da fraternidade familiar seja luz autêntica, uma energia contagiando o mundo inteiro.

COMECE EM SUA CASA



Não Compreenderam O Caminho do Amor

Na Igreja há medidas sábias, inteligentes e oportunas, mas despercebidas por uma certa minoria que gosta de ver em tudo suas conveniências pessoais ou partidárias. Depois do Concílio Vaticano II, muitas tradições foram alteradas na vivência da Igreja. Bastaria o exemplo da missa com o padre de frente para o povo.

As resoluções consideradas aparentemente contraditórias vão aos poucos sendo aceitas e novos costumes se introduzem com aplausos gerais.

A Igreja procura sempre unir os seus fiéis acima de qualquer sentido partidário.

Daí também a modificação ou alteração em costumes e gestos tradicionais que mais teriam servido para desunir que para unir o Povo de Deus. Procurando sempre fazer desaparecerem dissensões ou competições odiosas, ela tenta evitar assim possíveis humilhações do próximo.

Como se sabe, em certas regiões, mormente neste Nordeste Brasileiro, as vitórias partidárias são exageradamente marcadas.

De um lado, alegria e vingança dos vitoriosos.

De outro lado, tristeza e frustração dos derrotados.

O ideal seria não haver manifestações retumbantes e exageradas que em geral concorrem mais ainda para uma separação prejudicial e improdutivo da comunidade interiorana.

Assim, podendo-se evitar maiores divisões ocasionadas por motivos de publicidade, tanto melhor para todo esse povo bom, ingênuo e sofredor, já cansado de demagogia e promessas.

Porém, "nunca faltam os que gostam de atirar pedras, cheios de cólera; há sempre os que sabem ser agressivos, cheios de revolta; andam por aí os auto-suficientes, os coitadinhos, que nada querem receber ou aprender" (Do folheto "O Domingo", de 30-1-1977).

São Paulo, no entanto, nos ensina dizendo:

"Quero mostrar-vos um caminho mais excelente: o caminho do amor" (I Cor 13).

CAMPANHA DA FRATERNIDADE CNBB 1977

Todo o Brasil ouviu, 4ª feira à noite, a mensagem do Papa Paulo VI, em português, através de uma cadeia nacional de televisão, sobre o início da Quaresma e a abertura da Campanha de Fraternidade de 1977, com palavras de confiança nos fiéis para que multipliquem expressões de "solidariedade, compreensão e comunhão", pois o lema da campanha este ano será "comece em sua casa", com a finalidade de despertar em todos o que existe de amor profundo entre pai e mãe, diálogo entre pais e filhos, entendimento sereno entre irmãos".

Enquanto isso, Dom Ivo Lorscheiter, disse que a família é a primeira e insubstituível escola e experiência da fraternidade, "pedindo que através da imprensa", ressoe em todos os quadrantes do país, a mensagem da fraternidade".

- Abram-se as portas de nossos lares para que, por elas, possa entrar o irmão necessitado e para que por elas também possa difundir-se a luz da compreensão e do entendimento entre brasileiros - disse dom Ivo, explicando que "a Campanha da Fraternidade deve suscitar gestos concretos de fraternidade, mostrando-nos como é bom sermos e vivermos como irmãos".

A CNBB divulgou ontem, no Rio de Janeiro, um trabalho de pesquisa sobre as 13 primeiras Campanhas da Fraternidade lançadas no Brasil. Disse Dom Ivo que "não se pode pensar apenas em coleta de dinheiro, mas em coisas diferentes, que ajudem a fraternidade". Para ele, a Campanha no Brasil tem características próprias por dar uma dimensão de solidariedade ao movimento.

A Igreja tem procurado tomar a defesa dos direitos do fraco, do pobre, do índio, da criança que vai nascer. Mas hoje reclama para o povo não mais a esmola das sobras que caem da mesa dos ricos, mas uma repartição mais justa dos bens. Por que só alguns podem comer do bom e do melhor, e a maioria tem que dormir com fome? Por que alguns — até estrangeiros — podem adquirir, por dinheiro, milhares de hectares de terra para criar gado e exportar a carne, e nossa pobre gente não pode continuar cultivando o pedaço de terra onde nasceu e se criou ou já vive e trabalha há dezenas de anos?

Por que somente alguns têm o poder de decisão? Por que uns ganham 30, 50, 100 mil cruzeiros por mês, e tantos não fazem mais do que o salário mínimo? Há países em que a diferença entre os salários mínimo e máximo não excede a 12 vezes, enquanto no Brasil passa de 200 vezes.

Houve um tempo em que nossas pregações ao povo aconselhavam sobretudo a paciência e a resignação. Hoje, sem deixar de fazê-lo, nossa palavra se dirige também aos grandes e poderosos para apontar-lhes suas responsabilidades pelos sofrimentos do povo.

Cristo foi o grande defensor dos direitos humanos. Ele nos ensina que somos todos filhos amados do mesmo Pai do Céu, portanto irmãos, com o dever e o direito de partilhar os bens criados.

Justiça para todos

CNBB: D. Edvaldo

dá resultados da reunião

Na entrevista coletiva concedida à imprensa, o Bispo Auxiliar de Aracaju, D. Edvaldo Amaral relatou os resultados obtidos com a realização da reunião da Confederação Nacional dos Bispos Brasileiros, no período de 8 a 17 do corrente, em Itaici, município da cidade paulista de Ipanhatuba.

Foram desenvolvidos pelos participantes da reunião sete temas centrais focalizando respectivamente as Regiões Missionárias do Brasil; Exigências Cristãs de Ordem Política; Problemas da Família; Mistérios da Igreja; Renovação Carismática; Assuntos Litúrgicos e Problemas Internos do Clero.

CIMI

Uma das questões debatidas referiu-se aos problemas existentes entre o Conselho Indígena Missionário - CIMI - e a FUNAI, sendo que os participantes da reunião decidiram através de votação a anexação do CIMI a CNBB, ficando o órgão subordinado a entidade como forma para uma possível solução do impasse existente.

Com relação às críticas feitas pelo Bispo de Propriá D. José Brandão contra a Codevasf, chegando a afirmar, entre outras coisas, que todos acreditavam na empresa como uma esperança e que após a sua implantação a desesperança tomou conta dos posseiros, o Bispo Auxiliar de Aracaju que "o caso é restrito a Diocese de Propriá e a pessoa autorizada a falar sobre o problema surgido no território daquela Diocese é exclusivamente o Bispo Diocesano D. Brandão. Eu pessoalmente não conheço em detalhes a situação da Codevasf com relação aos posseiros".

COLETA DE NATAL

Na sua Carta Pastoral de Natal, D. José fez um apelo em favor do povo do Betume, com grande resultado. Os alimentos foram distribuídos no Betume, no Alto da Rolinha e na Tapera. Parabéns a todos os cristãos que assim demonstraram que sabem repartir com os outros mesmo o pouco que têm.

PADRE

EVENCIO

Faleceu no dia 31 de dezembro do ano passado o Revmo. Pe. Evêncio Guimarães. Nasceu em Gararu a 23 de janeiro de 1900, foi ordenado sacerdote a 27 de janeiro de 1924 por D. José Tomaz. Cuidou de várias localidades em Sergipe, permanecendo por 40 anos Vigário de Japoatã. Por último, era o Vigário de Simão Dias. Quando o Pe. Evêncio morreu, o Bispo de Propriá estava em Água Preta, PE. Ao voltar, celebrou a Missa de 3º dia em Japoatã. O Pe. Miguel celebrou a 7º dia.

Nosso jornal de janeiro não deu notícia da morte do bondoso sacerdote, porque a 31 de dezembro ele já estava pronto, em razão da viagem do seu Diretor. "Dai-lhe, senhor, o repouso eterno" - é a prece que fazemos num preito de saudade.